



Processos de cidadania cultural e engajamento ocupacional em frequentadores de festas de aparelhagem em Belém/PA

Processes of cultural citizenship and occupational engagement in aparelhagem party attendants in Belém/PA

Procesos de ciudadanía cultural y compromiso ocupacional en asistentes del partido aparelhagem en Belém/PA

2025, Vol. 17, e268724

Grazielly Silva Pires

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

E-mail: graziellypires@gmail.com

Ingrid Bergma da Silva Oliveira

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

<https://orcid.org/0000-0001-8896-4522>

E-mail: ingrid.oliveira@uepa.br

Hevelyn Maria Pereira e Pereira

Universidade do Estado do Pará(UEPA)

<https://orcid.org/0000-0002-9027-1060>

Flávia dos Santos Coelho

Universidade do Estado do Pará(UEPA)

<https://orcid.org/0000-0001-6835-2174>



Recebido em: 12/12/2024 - Aceito em: 30/06/2025. Este artigo da Revista NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity é habilitado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 3.0 Não Adaptada.

Endereço para correspondência: João Pedro Oliveira Soraggi Dias • E-mail: soraggi@psi@gmail.com

Resumo

O presente estudo explora o engajamento ocupacional e a cidadania cultural de frequentadores de festas de aparelhagem da região metropolitana de Belém-PA. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo cartográfica, realizada a partir de entrevistas com 9 participantes e registros em cadernos de campo. A análise se deu com a construção de unidades temáticas que enfatizam a caracterização das festas e sentimento de pertencimento; os fatores sociais e culturais como propulsores do engajamento ocupacional nas festas; e o preconceito sobre esses espaços e a dificuldade no reconhecimento de cidadania cultural. Os achados da pesquisa permitem compreender mais sobre a cultura das festas de aparelhagem, ressaltando aspectos envolvidos na troca entre os pares, elementos, e ambientes, do mesmo modo que confirmam que o engajamento ocupacional dos frequentadores favorece o exercício da cidadania cultural, ainda que sob efeito de estigmas.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Terapia Ocupacional; Cidadania;

Abstract

The present study explores the occupational engagement and cultural citizenship of attendees of sound system parties in the metropolitan region of Belém-PA. This is a qualitative cartographic research, carried out based on interviews with 9 participants and records in field notebooks. The analysis took place with the construction of thematic units that emphasize the characterization of the parties and the feeling of belonging; social and cultural factors as drivers of occupational engagement at parties; and the prejudice about these spaces and the difficulty in recognizing cultural citizenship. The research findings allow us to understand more about the culture of sound system parties, highlighting aspects involved in the exchange between peers, elements, and environments, in the same way that they confirm that the occupational engagement of attendees favors the exercise of cultural citizenship, even under stigma effect.

Keywords: Cultural Property; Occupational Therapy; Citizenship;

Resumen

El presente estudio explora el compromiso ocupacional y la ciudadanía cultural de los asistentes a fiestas sound system en la región metropolitana de Belém-PA. Se trata de una investigación cartográfica cualitativa, realizada a partir de entrevistas a 9 participantes y registros en cuadernos de campo. El análisis se dio con la construcción de unidades temáticas que enfatizan la caracterización de los partidos y el sentimiento de pertenencia; factores sociales y culturales como impulsores del compromiso ocupacional en las fiestas; y los prejuicios sobre estos espacios y la dificultad para reconocer la ciudadanía cultural. Los hallazgos de la investigación permiten comprender más sobre la cultura de las fiestas sound system, resaltando aspectos involucrados en el intercambio entre pares, elementos y ambientes, de la misma manera que confirman que el involucramiento ocupacional de los asistentes favorece el ejercicio de la ciudadanía cultural. incluso bajo el efecto del estigma.

Palabras-Clave: Patrimonio Cultural; Terapia Ocupacional; Ciudadanía;

INTRODUÇÃO

No Estado do Pará, as festas de aparelhagem configuram-se enquanto um fenômeno cultural local que possui suas próprias dinâmicas estéticas e tecnológicas, desenvolvidas e produzidas sob os padrões da música brega, padrões estes que envolvem estilos, consumos e trocas sociais específicas. Neste cenário ocorrem interações, manifestações e valorização de uma expressão cultural bastante representativa (Costa, 2017).

As festas de aparelhagem são eventos festivos que surgiram na periferia de Belém, e contam com equipamentos e aparatos tecnológicos que vão constantemente se inovando, destacando-se as gigantes caixas de som, moderna e variada iluminação, telas e mesas de comando para os Dj's de aparelhagem¹, ressaltando as performances artísticas e de interação destes Dj's com o público, as quais têm atravessamentos nos frequentadores, que estão para além da estética festiva (Picanço & Leistner, 2018; Costa, 2019).

As festas de aparelhagem são representações da cultura paraense, uma vez que estas se relacionam com a forma a qual os indivíduos aprendem a desempenhar atividades e funções que são essenciais para sua vida e desenvolvimento, correlacionando com particularidades do meio e as influências as quais estão inseridos em um processo contínuo de construção (Brasão & Oliveira & Vilela & Cocco & Sousa, 2020).

Neste aspecto, compreende-se as festas de aparelhagem enquanto um elemento sociocultural, sendo uma atividade regular e reconhecida como um amplo espaço de lazer (Araújo & Santos & Silva, 2022). Por essa ótica, ressalta-se a importância do lazer que segundo a *American Occupational Therapy Association – AOTA* (2020) se caracteriza, sobretudo, como uma ocupação fundamental na vida dos sujeitos.

O conceito de lazer é paradoxal, pois depende da vontade e da satisfação pessoal, tendo como função o descanso, com a execução de atividade mais relaxantes e menos ativas, mas também a função de diversão, com atividades mais dinâmicas, movimentadas, e ainda o desenvolvimento de atividades lúdicas ou meramente ocupacionais, repercutindo de todo modo, sobre a melhora da qualidade de vida e a redução da apatia (Duarte, 2013).

Além de configurar-se como lazer, as festas também se tornam um espaço de participação social, que segundo Silva e Oliver (2019), localiza-se histórica e socialmente sob uma perspectiva analítica e pode apresentar diversos sentidos e significados, tais como “participação social”, “participação popular” e “participação comunitária”, ademais, pressupõe-se a existência de diferentes visões trabalhadas pela Terapia Ocupacional, que ajudam a atribuir outros significados e sentidos à participação social, de modo que, à medida que a cidadania e os direitos humanos tornam-se eixos articuladores das ações, a participação social é compreendida como um direito e conquista para a cidadania.

O fato do lazer se configurar como uma expressão cultural e social, acentua nosso interesse em pesquisar acerca do engajamento ocupacional dos frequentadores das festas de aparelhagem, visto que, entende-se esse fenômeno das festas como parte do repertório ocupacional dos mesmos.

Com isso, percebe-se estas práticas festivas apresentando um papel fundamental na rotina de seus frequentadores, além de seus efeitos para com o meio social. Apesar da carência de aprofundamento sobre os fenômenos das festas em estudos ocupacionais – nesse cenário, atenta-se que o protagonismo das diversas ocupações desenvolvidas durante as festas faz alusão à forma com que ocorre a vivência de sujeitos e coletivos participantes, que exercem suas existências de modo interdependente (Coelho, 2022).

A ocupação, assim como a cultura, possui correlação direta com o meio, pelo fato de se caracterizar, através do envolvimento dos sujeitos, com as atividades no cotidiano (AOTA, 2020). Dentre as discussões sobre como essas práticas estão relacionadas à cultura, o conceito de cidadania cultural é destacado, pois

¹ Os Dj's de aparelhagem se diferenciam dos demais em virtude de não somente exercerem o papel de selecionar e reproduzir as músicas, mas pela performance diferenciada que esses desempenham nas festas e como por meio dessas performances eles interagem e se conectam com o público (Picanço; Leistner, 2018).

de acordo com Fernandes (2011) diz respeito ao direito de exercer e/ou se manifestar culturalmente, cuja promoção é dever do Estado.

No Brasil, o conceito de Cidadania Cultural teve suas primeiras reflexões fomentadas pela filósofa Marilena Chauí, em seu entendimento de que o acesso à cultura é um direito de todo cidadão, e que o Estado deve ser agente de políticas culturais (Gonçalves, 2016).

Sendo assim, a proposta de cidadania cultural concebe uma atuação que extrapola a esfera cultural visando a construção de uma sociedade democrática, pelo significado que ela tem para as classes “dominadas” (Fernandes, 2011).

Posto isso, nos parece importante a associação do que se entende por cidadania cultural e o ocupar-se dos frequentadores de festas de aparelhagem, tendo em vista os processos referidos a sua expressão cultural, em forma de engajamento em ocupações significativas, dessa forma, ressaltando o engajamento ocupacional, conceito que se dá sob a perspectiva da Terapia Ocupacional.

Assim enfatiza-se que o engajamento ocupacional se relaciona tanto com o fazer do indivíduo para se engajar no processo terapêutico, quanto para o envolvimento afetivo e cognitivo no fazer, ressaltando as experiências do envolvimento nas ocupações, assim como os contextos dos indivíduos e os ambientes nos quais os próprios estão inseridos e desempenham suas ocupações (Cruz & Taff & Davis, 2023).

Portanto, a partir dessa associação o presente estudo tem por objetivo responder ao seguinte questionamento: *como o engajamento ocupacional em festas de aparelhagem pode favorecer a cidadania cultural em seus frequentadores?*

MÉTODO

Este estudo configurou-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza cartográfica, que não pensa o método como proposição de regras, mas sim como olhar crítico que acompanha e discorre sobre as relações e formações rizomáticas, referindo-se a uma topografia dinâmica (Filho & Teti, 2013).

Com isso, destaca-se também o relato da vivência das cartógrafas, considerando os atravessamentos experimentados, sendo uma das características essenciais do método cartográfico.

Partindo dessa premissa, o cartógrafo não é tido apenas como um observador, mas está presente e atuante no processo, sensibilizado por forças e afetos que o atravessam durante o desdobrar dessas linhas vitais, desmistificando de si próprio o ideal de sujeito detentor de conhecimento, uma vez que não há um “eu” cêntrico ou uma subjetividade fixa, ao que não há sujeito do conhecimento, já que o questionamento em foco se dá pela relação com o desconhecido e as reações perante os atravessamentos (Brito & Chaves, 2017).

A pesquisa apresentada neste artigo foi realizada com 9 frequentadores assíduos de festas de aparelhagem da região metropolitana de Belém, que concordaram em participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e respondendo a um roteiro de entrevista entre os meses de maio e junho de 2023. A busca por participantes se deu em festas realizadas em espaços sociais variados, da periferia e centro da região metropolitana de Belém, a fim de verificar as particularidades de ambos, bem como abranger a diversidade de frequentadores dos respectivos espaços.

Utilizou-se para captação dos participantes, do formato de Bola de Neve, também conhecido como *snowball*, a partir do primeiro participante que aceitou contribuir com a pesquisa, após contato direto e aleatório na primeira festa de aparelhagem frequentada pelas cartógrafas para a produção dos dados. A técnica *snowball* funciona em cadeia e é não probabilística, caracterizada como uma técnica de amostragem não estatística, frequentemente utilizada em estudos de natureza qualitativa, que usufrui de redes de referência e indicações para que seja permitido o alcance de populações pouco conhecidas e/ou de difícil acesso (Bockorni & Gomes, 2021).

Foram realizadas entrevistas com roteiro elaborado pelas autoras, em modo presencial e também observação dos espaços, movimentos e coletivos nos locais das festas, sendo contatados 3 frequentadores da cidade de Belém, 1 do município de Ananindeua e 5 de do município de Marituba, totalizando três mulheres e seis homens, com idade entre 24 e 39 anos, sendo 2 participantes com ensino superior completo, 1 com ensino superior incompleto, 4 participantes com ensino médio completo, 1 com ensino médio incompleto e 1 não informou a escolaridade.

Destacamos que essas entrevistas foram realizadas em locais como espaços de show, arenas, residência dos frequentadores, não configurando espaços físicos fixos, e seguindo cronogramas variados. Também foi utilizado o caderno das cartógrafas, que é um caderno de campo das pesquisadoras, contendo suas experiências e atravessamentos em decorrência do contato tanto com o público, quanto com a vivência das festas de aparelhagem em si.

A produção de dados trouxe elementos para a construção de uma percepção sobre a forma como ocorre o engajamento ocupacional desses frequentadores, assim como os processos culturais e sociais que atravessam o engajamento.

A entrevista visava produzir conhecimento sobre as trajetórias dos frequentadores no âmbito de festas de aparelhagem, com o que mais se identificam, o que os atrai a esses espaços (motivos voltados ao seu engajamento) e as ocupações que usualmente desempenham em seu cotidiano (trabalho, religião, lazer), objetivando compilar possíveis similaridades no engajamento ocupacional dos participantes.

A entrevista não condicionou a validação da pesquisa ao distanciamento neutro do entrevistador e dos indivíduos, pelo contrário: empenhou-se na construção e desenvolvimento da experiência compartilhada entre ambos (Tedesco, 2015). E embora valorize a obtenção de informações durante a prática, a entrevista não visava somente a coleta de dados, as entrevistadoras buscaram a constituição de uma experiência compartilhada, ao que tal partilha significa a existência de um interesse em comum pelo diálogo e, em destaque, pela entrevista que estava sendo proposta (Tedesco, 2015).

Ou seja, a entrevista sob a perspectiva cartográfica explora a experiência em comum, sendo possibilitada, a partir dessa, a construção de novos conhecimentos (Tedesco, 2015).

A análise de dados seguiu o viés cartográfico, que se faz móvel e abrangente. Posteriormente ao término das entrevistas houve a transcrição fidedigna de seus registros em áudio, bem como a reflexão acerca da relação com o caderno das cartógrafas, e analisou-se a relação desses materiais com a temática em estudo.

Assim, foi construída uma Análise Temática por meio de categorização dessas falas em três Unidades, sendo a primeira "*Caracterização das festas de aparelhagem e o pertencimento dos frequentadores*", a segunda "*Fatores sociais e culturais dos frequentadores como propulsores do engajamento ocupacional nas festas*" e a terceira Unidade referente ao "*O preconceito e a estigmatização na construção de espaços marginalizados: dificuldades de reconhecimento de cidadania cultural nas festas de aparelhagem*", afinando semelhanças entre os discursos dos participantes da pesquisa e a literatura dentro da perspectiva do engajamento ocupacional e da cidadania cultural.

Ressaltamos que no decorrer do artigo os participantes serão identificados por pseudônimos com nomes de aparelhagens, e que este estudo foi autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) sob o parecer de número 6.016.505, de 24 de abril de 2023.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização das festas de aparelhagem e o pertencimento dos frequentadores

As festas de aparelhagem constituem um evento cultural tradicional da cidade de Belém, irradiando por todo o Estado do Pará, apresentando dinâmicas econômicas específicas e padrões estéticos e tecnológicos demarcados que traduzem uma experiência e sensibilidade substancializadas pelos padrões musicais locais do estilo brega (Costa & Castro & Castro, 2021).

O tecnobrega faz parte do cotidiano do paraense e é consumido de forma recorrente. Uma das maneiras de consumir este estilo é frequentando as festas de aparelhagens, nas quais esse gênero musical é o predominante, e as configura. A forma como esses eventos circundam as realidades, cruzando a periferia com o centro e conectando com o que existe de mais moderno, justamente por meio das tecnologias e seus efeitos, é o que favorece a atração dos frequentadores, consolidando-se pela inserção tecnológica (Picanço & Leistner, 2018).

Lima (2016) observa que, durante a primeira década dos anos 2000, visto sua contínua projeção e visibilidade, as festas de aparelhagem passaram a atrair diferentes públicos de variados segmentos da sociedade, eram curiosos em geral, jornalistas e, principalmente, jovens de camadas econômicas médias interessados em participar e conhecer, advindos incentivados ou não por propagações midiáticas e se alinhando, vagarosamente e com algumas limitações, aos demais frequentadores.

Nesse sentido, é válido ressaltar a forma como os frequentadores se identificam e utilizam-se desses espaços, assumindo papéis e reproduzindo comportamentos semelhantes uns aos outros, como danças e movimentos variados, sendo envolvidos e tornando-se visualmente um todo, uma espécie de coletivo, o qual possui características próprias, a ponto de se reconhecerem e identificarem-se nesses ambientes festivos (Costa, 2017).

É válido destacar as conjunturas relacionais entre aparelhagem e público, que variam desde questões territoriais, estéticas, de estilos musicais até aspectos particulares de cada participante, sendo percebida essa conexão com os discursos a seguir:

“[...]movimento de aparelhagem é muito intenso, muito grande ... a periferia cem por cento é aparelhagem [...] o que eu mais gosto é [...] levar o divertimento [...] entretenimento para o público [...]” (Tupinambá).

“eu gosto da animação, das músicas[...] ... conexão que tem com o dj com o público ... acho interessante [...]” (Walson).

Assim, Picanço e Leistner (2018), afirmam que as aparelhagens são essenciais ao ponto de que sem sua construção não existiriam festas de tecnobrega.

Nesse sentido de destaque se encontram as performances feitas pelas estruturas da aparelhagem, sendo um fator atrativo para quem frequenta, uma vez que não se busca apenas pela dança do tecnobrega, pelo efeito sonoro, mas também pela promessa de presenciar o movimento da aparelhagem, somado à constante demanda, no meio, de lançamentos musicais e inovações em sua estrutura (Picanço & Leistner, 2018).

[...] um estilo de cultura que eu admiro ... do meu Estado, que é algo nosso e que eu vejo[...] muito potencial[...]... As músicas, as melodias, as batidas, é algo que envolve, é dançante, é estimulante [...] a sensação de sentir algo [...]” (Ouro Negro).

As festas de aparelhagem se configuram enquanto um espaço de variadas vivências propícias à identificação do público, sejam por questões de localização, seguimento das tendências musicais atuais, familiaridade com características e estilos musicais dentre outras qualidades que atraem e geram a permanência e sentimento de pertencimento não só aos espaços em que ocorrem tais eventos, como também ao que representa tal movimento.

Coelho (2022) infere que pertencimento é um componente fulcral para a caracterização das festas, bem como para sua realização e preservação, uma vez que o pertencimento a coletivos favorece a identificação por meio das ocupações em comum desempenhadas, e esta autora destaca ainda o pertencimento em seu caráter formador e impulsionador da ancestralidade festiva.

O pertencimento, deste modo, é tido como um sentimento que é suscitado a partir das relações que se estabelecem na formação de comunidades que se associam a uma ideia de coletividade e grupo, estando para além de relações familiares, enfatizando-se assim as participações sociais em coletivos, entendendo-se que esses espaços de trocas sociais produzem conexões de pertencimento e identidade (Bianchi & Malfitano, 2020).

Deste modo, percebeu-se nos participantes o destaque nas vivências culturais locais do Pará, que reflete sobre os impasses, cotidianos, contatos da vida dos sujeitos, na peculiaridade regionalizada destas experimentações.

Nesse sentido, as festas de aparelhagem são uma constância em seus contextos de vida, atreladas ao coletivo social no qual estão inseridos, sobretudo evidenciando o pertencimento dos participantes a estes espaços, como observamos nos excertos a seguir:

“Desde quando eu me entendo por gente sou fascinado em festa de aparelhagem, eu acho um movimento artístico bom no Pará, cultural top” (Walson).
“[...] as músicas no estilo paraense é um outro gosto [...]” (Itamaraty).
“Eu sempre fui apaixonado por aparelhagem” (Brasilândia).

Ainda sob essa égide, Costa, Castro e Castro (2021) reafirmam a questão social vinculada aos locais de realização desses eventos, por estarem atrelados ao público que os frequenta, e ainda, sendo presente a questão de mudanças de preços e horários. Assim, compreende-se que o público frequentador é volúvel mediante os locais em que são realizadas as festas, ou seja, o público varia dependendo do local em que as festas são realizadas, o que sugere também alterações nos horários em que são realizadas e nos preços das entradas e consumo na festa.

“[...] eu acho que o que movimenta a aparelhagem são o público, se não tiver público não tem aparelhagem [...]” (Walson).
“[...] A gente também seleciona alguns lugares pra ir. Por exemplo, não são todos os lugares que eu vou, mas, em grande maioria, eu gosto da aparelhagem, e o lugar eu escolho. [...]” (Ouro Negro).
“[...] diversos marcadores sociais que muitas pessoas dizem que é as vezes é perigoso e às vezes realmente é. Dependendo do local onde vai ser a festa dependendo onde vai ser a festa e tal, então essas questões realmente aparecem [...] o que me atrai de continuar indo é dançar e escutar o brega marcante” (Pop Som).

As colocações acima abrem espaço para a reflexão sobre as questões sociais que envolvem o pertencimento, uma vez que apesar dos sujeitos identificarem barreiras sociais para frequentar os espaços, os atrativos, as afetações tornam-se superiores, os direcionando a buscarem mecanismos para estarem inseridos, selecionando os lugares para frequentarem.

É sabido que pertencer relaciona-se à interação social, ao apoio mútuo, ao senso de inclusão e à autoafirmação, ou ainda ao reconhecimento positivo de si em relação aos outros, mas também diz respeito a um sentimento de ser parte de algo maior que a si mesmo (Carreira De Mello & Dituri & Marcolino, 2020).

Pertencer na obra de Wilcock (1999), que é uma referência importante da Terapia Ocupacional, é visto como um senso de conexão do sujeito com outras pessoas, lugares, comunidades, culturas e tempos, considerando o contexto no qual suas ocupações ocorrem, onde pode-se experimentar várias formas de pertença ao mesmo tempo. Para o pertencimento se concretizar, os relacionamentos são essenciais – seja com pessoas, lugares, grupos ou outros fatores – e o sentimento de reciprocidade e compartilhamento também, sejam eles positivos ou negativos (Hitch & Pépin & Stagnitti, 2014; Carreira De Mello & Dituri & Marcolino, 2020).

Deste modo, o pertencimento pode favorecer o engajamento ocupacional, uma vez que há uma retroalimentação entre estes aspectos, considerando que o engajamento ocupacional é um conceito que descreve uma forma de envolvimento no fazer que coloca em primeiro plano as experiências subjetivas-afetivas e cognitivas do fazer (Cruz & Taff & Davis, 2023).

Nessa premissa, é válido reconhecer as festas de aparelhagem não somente como eventos festivos, mas que possuem atravessamentos sociais e culturais, estabelecendo uma relação significativa com o público, onde o tecnobrega têm uma associação cultural atrelada a efeitos visuais, danças, efeitos sonoros, padrões de consumo, práticas sociais e identitárias, que despontam em um debate social, que perpassa entre estruturas sociais, sendo observada a sua inserção em camadas que buscam diferenciar-se da periferia (Costa & Castro & Castro, 2021; Lima & Chagas Júnior, 2019).

“[...] talvez eu não tenha essa necessidade de estar me questionando no espaço. Eu me sinto parte do espaço, entendeu?” (Ouro Negro).

“[...] eu acho que é uma cultura tão nossa que a gente se sente tão, assim, em casa, né? Tipo, é como se fosse uma parte da gente ali [...]” (Menina Veneno).

“[...] eu via as pessoas curtindo e eu achava legal elas curtindo aquilo, apesar de não gostar da coisa. E aí, depois, quando eu passei a aceitar e gostar, eu percebi porque aquelas pessoas se divertiam, entendeu?” (Pop Som).

Foi possível compreender nessa Unidade, por meio dos relatos dos participantes em diálogo com os referenciais, que o pertencimento se encontra como um fator crucial para promover o engajamento, pois é por meio desse sentimento que os frequentadores permanecem nesses espaços exercendo trocas sociais, resistindo às problemáticas que os circundam, e fomentando uma rede que se conecta e se fortalece pelos sentimentos e atravessamento que os identificam e assemelham.

Fatores sociais e culturais dos frequentadores como propulsores do engajamento ocupacional nas festas

“Acredito que nós, paraenses, somos embalados desde criança nesse ritmo de aparelhagem” (Brasilândia).

Costa (2019) destaca a eficácia simbólica das festas de aparelhagem, que promove a popularidade e a legitimidade desses eventos como protagonistas do lazer de massa em Belém, possuindo raízes profundas e devendo ser considerados, caso a caso, na história de interações entre público, proprietários e funcionários do sistema de sonorização.

As festas de aparelhagem se dão por desdobramentos intrínsecos que circundam o variado *modus operandi* social vinculado, em uma troca constante de acontecimentos (Lima & Chagas Júnior, 2019).

Desde a concepção, produção e divulgação material e imaterial da festa, passando pelos trabalhos manuais e braçais, como o transporte e montagem de equipamentos, até o gerenciamento de mídias e

formas de comunicação alternativa para anunciar as festas, todas essas iniciativas convergem para que tais eventos culminem na realização da festa, e adesão dos frequentadores, conforme pode-se observar com as colocações dos participantes destacadas abaixo:

“Uma música traz algum momento da tua vida que tu lembra [...] Se não tem público pra ir... não vai existir a aparelhagem, DJ não vai ganhar dinheiro, não vai ter carregador de aparelhagem, não vai ter nada” (Walson).

“[...] papai sempre teve aparelho sonoro, então convivi com isso, aprendi a gostar” (Tupinambá).

“desde que eu me entendo por gente, o meu pai trabalha com esse evento ... e todo dia teve aparelhagem” (Itamaraty).

“Eu gosto de sair pra’ me divertir, sair da rotina” (Ciclone).

Assim, as festas de aparelhagem se inserem no conjunto de modalidades festivas associadas à atuação desses equipamentos, empreendimentos identificados pela utilização de suntuosos aparatos eletrônicos, sonoros e visuais (Lima, 2016).

A manutenção da relação entre público/aparelhagem, conforme seus protagonistas, baseia-se na originalidade e eficiência com que as aparelhagens se “inovam” e “evoluem”, que pode estar envolto desde a já citada utilização e modernização de aparatos tecnológicos até o carisma e a destreza dos DJ’s no manuseio dos equipamentos e interações com os frequentadores por intermédio de suas performances, que incluem vinhetas, chamadas ao microfone e intervenções durante as reproduções musicais (Lima, 2016).

Ao que se refere à estrutura desses eventos, as aparelhagens se compõem por caixas de som, dispondose como torres, pela mesa de som, iluminação, letreiros e telões; sendo descritas como o agente principal de divulgação, no estado do Pará, do gênero musical brega/tecnobrega. Estas festas ainda são responsáveis pelas conexões de relações, inovando a identidade bregueira juvenil (Picanço & Leistner, 2018). Tais aparatos tecnológicos citados corroboram para o atrativo do público, conforme relatado pelos participantes:

“Parada de telão, iluminação, uma parada bacana ... Fico bem do lado da mesa de som... onde eu acho mais interessante ficar” (Walson).

“[...] as sensações que as músicas trazem, a eletrização, o corpo, mesmo, a emoção, que é você escuta [...]” (Ouro Negro).

“[...] eu deliro ... é uma euforia ... sensação de alegria ... é uma coisa que não dá especificamente para explicar [...]” (Menina Veneno).

As trocas sociais apresentam-se muito propícias dentro desses espaços, conforme alguns relatos, e fazem parte da construção da identidade do público frequentador, que se dá de forma natural em virtude das dinâmicas existentes nesses eventos:

“Construí muita amizade... Gente que fala ‘Ah, amizade de festa não é amizade pra vida’, mas eu já discordo. Uma amizade de festa, justamente, foi a amizade que conseguiu um emprego pra mim [...] tu conhece pessoas de tudo que é jeito, de tudo que é bairro [...]” (Meteoro).

Sob a perspectiva da Terapia Ocupacional a qual compreende e reflete acerca da relação entre o lazer e a participação social, uma vez que ambos são ocupações essenciais para os indivíduos, essa ligação ocorre em situações de trocas sociais no cotidiano, como por exemplo em espaços de festas, onde os frequentadores praticam o lazer e as trocas ali estabelecidas, por sua vez, favorecem a participação social (AOTA, 2020).

Lima (2016) define a Festa de Aparelhagem como um conjunto de práticas e relações sócio significativas, as quais são construídas, desenvolvidas e reproduzidas no cotidiano por meio de recursos e mecanismos estéticos-performáticos que se constituem em uma ordem festiva muito específica e própria, partindo dos vínculos criados entre público e aparelhagem, resultando em relações e experiências que perpassam pelo cotidiano favorecendo a interação festa/cotidiano.

Assim, o vínculo público-aparelhagem é nutrido e enraizado por meio de práticas, relações sociais desenvolvidas no cotidiano paraense, de maneira histórica e cultural, sendo que esse vínculo dialético se remodela e se reconstrói ao longo do tempo e história dos frequentadores.

Desse modo, a festa não se concentra no momento de sua realização, mas permeia o imaginário coletivo em muitos momentos do cotidiano, associando experiências, espaços, memórias e sensações.

“As festas de aparelhagem tem três momentos: o eletrizante, o romântico e o saudoso... eu gosto dos três... o eletrizante pela questão do ‘extravasar’, porque você consegue extravasar sua energia, e tudo mais; o saudoso que hoje, nesse momento, eu escuto algumas músicas e lembro de pessoas que eu amava, por exemplo, a minha mãe [...]; e o terceiro, como eu disse, é aquela questão da emoção, de você ter um romance, um contatinho e tudo mais, você acaba, muitas vezes, encaixando a tua história através daquelas sensações, daquelas emoções que aquelas músicas, os repertórios que são tocados naquele espaço” (Ouro Negro).

Mediante os discursos dos participantes, identificou-se a forte influência familiar como um dos pontos para despertar o interesse dos frequentadores em relação às festas, sendo este um dos agentes que impulsiona e introduz esse mundo no cotidiano dos até então, novos frequentadores, assim como destacam-se a comunidade e grupos nos quais estão inseridos.

“Eu nasci no meio disso ... papai sempre teve aparelho sonoro, então convivi com isso, aprendi a gostar” (Tupinambá).

“[...] desde criança eu vou, eu ia com a minha mãe [...]” (Menina Veneno).

“Foi minha família né, a gente tem aparelhagem na família, aí sempre teve esse convite...” (Pop Som).

Reis e Prata e Parra (2018), sinalizam que a família, como primeiro modelo de crenças e valores, é uma importante fonte de transmissão de comportamentos aos indivíduos em processo de formação. Ferronato (2015) ressalta o processo de construção da identidade como algo pessoal, ainda que social, uma vez que acontece de forma interativa entre o sujeito e seu meio ao qual encontra-se inserido, no qual terá contato com novas culturas e valores.

Entretanto, a identidade pessoal e social se constrói em permanente tensão com a identidade cultural, uma vez que a cultura fornece ao sujeito padrões de interpretação do mundo, valores, crenças e formas de ação construídas em meio a processos socializadores das instituições sociais (Gonçalves, 2008).

Nesse viés, alguns relatos acerca da iniciação dos frequentadores nas festas de aparelhagem demonstram esses processos que destacam as relações familiares e suas influências sobre os sujeitos:

“Tinha doze anos ... na época era a festa do pai do meu padrasto, eu entrei de boa” (Walson).

“[...] sempre tive influência de casa, então desde a infância já ouvia CD, já ouvia DVD. E tipo pra mim foi meu primeiro incentivo, até porque minha família, ela é muito cultural, digamos assim, sempre foi tecnobrega e carimbó” (Meteor).

“ [...] o interesse foi estimulado pela família, mas a vontade mesmo, gostar, é uma vontade pessoal [...]” (Ouro Negro).

Percebe-se ainda, o contexto familiar inserido não somente nesse primeiro contato de iniciação na participação dos eventos, mas como um ponto marcante para essa continuidade e manutenção em decorrência, muitas vezes, de um vasto arcabouço de memória afetiva que envolve os núcleos familiares.

“ [...] eles gostam que eu vá, eles preferem que eu vá pra festa de aparelhagem do que pra outras festas, porque lá, como é nossa, né, é tudo nosso, eles acham que eu vou estar mais segura ... eu me sinto mais segura [...]” (Pop Som).

“ [...] meu padrasto sempre foi envolvido com festas de modo geral, e antigamente ... eram feitas na rua ... a gente fazia muito esse tipo de festa no quarteirão da minha casa, então a minha casa em si virava *banheiro de festa, virava bar, né. Me lembra muito esse período*”(Pop Som).
“ [...] meu tio foi meu principal influenciador ... ele faleceu ... e as amizades dele eu herdei. Então quando eu saio assim, pra curtir tudo, muita gente fala “ah eu lembro do teu tio ... essa música, esse dia, essa aparelhagem. Então ficou a lembrança dele” (Meteor).
“[...] hoje, a lembrança mais fidedigna que eu tenho da minha mãe é escutar uma música de um baile da saudade, uma música melancólica que toca no espaço de aparelhagem, e lembra dela [...]” (Ouro Negro).

Dessa forma, ratifica-se os aspectos que envolvem o engajamento ocupacional e que se conectam com os fatores sociais e culturais citados nessa Unidade temática. Como encontrado no estudo de Cruz, Taff e Davis (2023) o engajamento ocupacional se relaciona com as conexões interpessoais que foram/são presentes nas vivências dos sujeitos.

O engajamento considera os contextos aos quais os sujeitos estão inserido e realizam suas ocupações, suas histórias ocupacionais, visando a experiência afetiva, e sobretudo o ambiente, a comunidade em que o engajamento acontece (Cruz & Taff & Davis, 2023).

Este cenário pauta como centro a ocupação do lazer que, nesse sentido apresenta-se por meio do engajamento ocupacional vigente dos frequentadores das festas de aparelhagem, os quais em grande maioria nessa pesquisa foram impulsionados pelo contexto familiar em que estão inseridos.

“[...] não é pela questão de ser da titulação é pela familiaridade. É por aquilo que veio desde a infância. A gente escutava junto, a gente permaneceu escutando junto e a gente escuta até hoje” (Ouro Negro).

O preconceito e a estigmatização na construção de espaços marginalizados: dificuldades de reconhecimento de cidadania cultural nas festas de aparelhagem

Popularmente, há uma ideia reduzida de cultura, tomando-a como forma de lazer e entretenimento, ou mesmo como grau de civilidade, muitas vezes, nesse aspecto, revelando-se acrítica e controladora, em contraposição às definições que a dimensionam em torno de um campo amplo e democrático, diverso e contextualizado, ao caracterizá-la como processo de existir, criar, da expressão de vivências, sentidos, fazeres, do que se constrói e se sonha (Silvestrini, 2019).

Tal concepção gerou reflexões acerca do exercício da cidadania cultural favorecido pelas aparelhagens, que constituem locais próprios e férteis para a expressão da cultura de seus frequentadores.

Apesar de serem ressaltadas a significância da cultura como cidadania, símbolo e forma de organização socioeconômica inclusiva, entende-se que essas dimensões estão implicadas e inter-relacionadas, e para promovê-las é necessário o interesse das diferentes esferas políticas para legislar, promover e garantir direitos capazes de evocar e promover ações que sustentem a cultura partindo desta perspectiva plural (Silvestrini & Silva & Prado, 2019).

Com isso, a ideia de Cidadania Cultural se insere em uma perspectiva democrática, assumindo os indivíduos não como consumidores ou contribuintes, e sim como sujeitos políticos, entendendo que a cultura reina sob a óptica de direito do cidadão e, à medida que eles têm o direito ao debate e à reflexão, por certo surge o direito de produzir cultura, usufruir de seus bens, tal qual o direito à invenção de novos significados culturais, de formação cultural e artística, à experimentação e ao trabalho cultural crítico e transformador (Gruman, 2012).

São muitos os marcadores sociais existentes nos espaços das festas, principalmente ao que reflete sobre o exercício da cultura local, bem como o pertencimento à ela, e a valorização da mesma no cotidiano dos participantes:

“[...] Eu vou falar uma coisa que pode até soar engraçada, mas eu aprendi a brigar na festa de aparelhagem, e quando eu digo brigar, não falo de brigar de porrada, mas brigar no sentido de garantir os meus direitos; eu aprendi a me impor dentro da festa de aparelhagem [...]. Aprendi a me colocar no mundo, eu acho que esse conviver me ajudou a ser a pessoa que sou hoje” (Pop Som).

Destaca-se que as festas de aparelhagem são regularmente associadas ao público periférico, marginalizado e de “castas sociais” baixas. O termo “minoría”, constantemente aplicado a esses sujeitos, também sofre com distorções, sendo necessário ser entendido em seu sentido socioantropológico, correspondente ao grupo que se encontra excluído das bases hegemônicas para limites identificatórios, qualificados, regularmente, por grupos dominantes, detentores de poder, privilégio e prestígio (Freitas, 2007).

“[...] Apesar de ser discriminado ainda, ‘Ah, porque aparelhagem é coisa de bandido’ e isso e aquilo... [...] porque vem da periferia e tudo” (Meteteoro).

Ao mesmo tempo que essas periferias e subúrbios favorecem a existência de outra realidade à parte da sociedade, marcada pela presença incessante de dificuldades sociais, pobreza, violência e marginalização, estabelece, também, relações específicas com a cultura produzida nesses ambientes, em grande parte dos casos se desenrolando na medida do exótico e diferente, isso quando não se apresenta na forma de uma cultura caracterizada pelo viés normatizador de condutas, produtor de uma docilização e conformação dos sujeitos na periferia (Silva, 2011).

Picanço e Leistner (2018), afirmam a constante associação que pessoas fora desse ciclo fazem ao público frequentador de festas de aparelhagem com a marginalidade e marginais, devido a traços do estilo estético, como corte e cor de cabelo e vestimentas. Dessa forma, envolvendo a comunidade “bregueira” com estereótipos pejorativos:

“No ensino fundamental ... fui estudar numa escola de rico ... minha mãe era funcionária ... conseguiu uma bolsa ... as menininhas, filhinhos de papai ... eles me discriminavam... pelas musicas que eu ouvia na época, pela forma que eu me vestia fora da escola, entendeu?” (Meteteoro).

Ademais, destaca-se a questão da construção da identidade que há nos jovens e adolescentes, a qual se dá por roupas, suas marcas, estilos de vida e cortes de cabelo, bem como do consumo em excesso de bebidas alcoólicas, e a forma como dançam e se dispõem pelo ambiente, dessa maneira, havendo uma padronização de estilos nesses espaços (Picanço & Leistner, 2018).

Em consonância a essa égide estética, Costa e Castro e Castro (2021), por sua vez, realizam um comparativo a respeito das vestimentas e como, de acordo com sua pesquisa e análise, elas se modificam com o ambiente em que a festa ocorre, sendo dessa forma, ainda tipificadas pelos frequentadores.

Deste modo, se compararmos as vestimentas em uma festa de periferia, de local com estrutura mais simples, com lugares no centro de Belém, com uma estrutura mais sofisticada, percebemos que os frequentadores se adequam a cada espaço em que se realiza as festas, não mantendo um estilo fixo, mas o ajustando.

Em consonância, ratificado pelas divulgações da imprensa local, as festas, que até então ocorriam em espaços correspondentes a instalações características de meios periféricos, teriam se apropriado de lugares tradicionalmente vinculados à “classe média” belenense, em circunstâncias distintas e, assim, assumindo novas feições (Lima, 2016).

As reflexões, construídas pelos participantes, reforçam essa questão acerca da estética, escolha de local, assim como o tipo de público que frequenta estes espaços:

“[...] eu sei que bandido frequenta, eu sei que médico frequenta, eu sei que advogado frequenta, é uma coisa que abrange todas as classes sociais” (Meteteoro).

Em conformidade, Costa (2017) reafirma o preconceito que tais convenções sociais sofrem, de modo que a visão de outros indivíduos a respeito das festas de aparelhagem muitas vezes a qualifica como algo violento, intimamente ligadas a uma cultura periférica, alçando grupos sociais de “castas” mais baixas e minorias como público vigente e cativo.

Dessa forma, tais percepções foram presentes de forma marcante e recorrente nos discursos apresentados ao longo das entrevistas, destacando nesse viés as colocações a seguir:

“Falam que é usar droga ... desocupado, vagabundo, etc” (Walson).

“[...] Principalmente dentro da faculdade. Eu passei por isso durante a graduação, só que foi aquele típico preconceito disfarçado de piada, disfarçado de brincadeira, né?” (Pop Som).

“Quando eu trabalhava, as pessoas lá tinham uma certa ‘coisa’, assim, porque diziam que é a festa de aparelhagem de coisa de pobre, que isso é coisa de vagabundo, que só dá gente que não presta, essas coisas assim [...] (Menina Veneno).

“Preconceito sempre vai ter ... porque aparelhagem é periferia... realmente há muito preconceito [...]” (Tupinambá).

Portanto, segundo Freitas (2007) é evidente que tais minorias, por estarem em desigualdade de direitos e oportunidades em relação a grupos dominantes, sejam alvo de discriminações, preconceito, exclusão ou invisibilidade.

Assim, ratifica-se a importância de elencar esses coletivos como protagonistas em estudos científicos, de modo a ampliar a voz e visibilidade tanto aos sujeitos quanto a suas expressões culturais e particularidades.

“Então, frequentar esse espaço de aparelhagem, especialmente dentro da Terra Firme, eu vejo que é nada mais do que a minha obrigação, né? Tipo, enquanto uma pessoa que tem o lazer com festa, ao invés de tá indo dar dinheiro pra galera que tá lá, com aquela casa de festa na doca ... vou dar dinheiro lá pra aparelhagem lá na Terra Firme, porque eu sei que é uma galera que tá precisando mais do que o cara lá que tá na doca, entendeu?” (Pop Som).

“Eu acho que isso é nossa cultura, né? Tipo assim, eu acho que quem tem valorizar nossa cultura é a gente, paraense [...] é uma cultura assim tão nossa que é uma coisa que a gente não vê por aí, tu não vê numa num em outro local, assim, até mesmo essa coisa de rave, essas coisas, não é igual, não tem nem comparação. Eu acho que é porque faz parte mesmo, faz parte” (Menina Veneno).

Por essa ótica, a presente Unidade viabiliza compreender as barreiras que os frequentadores enfrentam ao longo dos seus percursos de vida, destacando que o preconceito e a estigmatização dificultam o reconhecimento e o valor da cultura das festas de aparelhagem, dessa forma interferindo na apropriação devida dos espaços enquanto direito à liberdade e exercício da cultura, logo afetando na prática da cidadania cultural por esse público.

Por tanto, ao analisar o entremeado de conteúdos presentes na discussão, as festas de aparelhagem, expressas em múltiplos desdobramentos, mostram-se enquanto um jogo de sentidos heterogêneos, intermediados por discursos que as representam tanto como sustentáculos de toda uma cadeia cultural (*mainstream* alternativo) e econômica periférica, independente e original – que norteia e reafirma identidades – quanto uma cultura nociva, pernicioso e alienante que permearia o processo de homogeneização pela influência da cultura de massa, as práticas culturais factualmente “autênticas” (Lima, 2016).

Nesse ínterim, denota-se a insuficiência da simples análise dos processos de exclusão e marginalização dos sujeitos silenciados, sendo necessário elaborar estratégias de inclusão dessas subjetividades na própria concepção do interlocutor (Patrocínio, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa é uma tentativa de aproximação do campo da cultura, considerando as multifacetadas de tal abrangência, onde localiza-se as festas de aparelhagem. Nessa premissa, foi possível compreender como o engajamento ocupacional em festas de aparelhagem pode favorecer a cidadania cultural em seus frequentadores.

As festas de aparelhagens, foram apontadas, durante a produção dos dados, como espaços da realização de atividades de lazer, mas ainda enquanto locais vinculados a memórias afetivas, resultado de influências familiares e bem como fonte de renda. Sendo essas algumas das motivações para a assiduidade do público, e a instalação de sentimentos de pertencimento e identificação, promovendo dessa maneira, nos sujeitos em questão, o exercício de sua cultura de maneira ativa e resistente contra os preconceitos e repressões socialmente impostas.

Nessa realidade, o preconceito e a estigmatização relacionados às festas sustentam a dificuldade de reconhecimento de cidadania cultural vinculada a estas práticas, pela constante associação que não frequentadores fazem ao público das festas com a marginalidade, seja por traços estéticos, seja pela maioria da localização dos eventos ser na periferia.

Considerando a Terapia Ocupacional, o aprofundamento de pesquisas neste tema se mostra enquanto uma necessidade ética, considerando as dimensões político-econômicas envolvidas. É importante pensar este campo de conhecimento em práticas e proposições inclusivas que acolham, agreguem e produzam potência frente a uma racionalidade contemporânea fragmentista, insistente na desvalorização e individualização de grande parte da vida humana que pode representar resistência às hegemonias que guiam a sociedade (Silvestrini & Silva & Prado, 2019).

Dessa maneira, enfatizamos a importância de a Terapia Ocupacional compreender e atuar frente aos processos de exclusão e desigualdades que abarcam dimensões plurais e intrínsecas aos processos de vida de parte majoritária da população, assentando-se nas complexidades da vida no cenário neoliberal (Silvestrini & Silva & Prado, 2019).

As limitações deste artigo foram relacionadas, principalmente, ao número limitado de participantes, que representa uma pequena amostra, bem como a reduzida presença de indivíduos que não tinham vínculos familiares e financeiros com as aparelhagens, e a falta de variações socioeconômicas entre os participantes.

Ademais, ressalta-se que os impasses da pesquisa se dão pela dificuldade de reconhecimento por parte dos participantes acerca do evento da festa de aparelhagem enquanto patrimônio cultural, logo, afetando a própria percepção destes em se identificar enquanto indivíduos que exercem a cultura e, por extensão, a cidadania cultural.

Os achados da pesquisa lançam maior compreensão sobre a cultura das festas de aparelhagem, ao mesmo tempo em que reafirmam a necessidade de mais discussões acerca dessa questão no âmbito da Terapia Ocupacional, voltadas às aparelhagens paraenses.

Recomenda-se para a comunidade acadêmica uma imersão em demandas e pautas voltadas aos contextos regionais, formas de fazer e ver a cultura, atreladas aos conceitos e bases da Terapia ocupacional, que tem como foco as ocupações dos sujeitos, os contextos e ambientes nos quais estão inseridos. Logo, vislumbram-se mais estudos que evidenciem temáticas voltadas às festas de aparelhagem e seu público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Araújo, P.S.C., Santos, A. A., Silva, E. M. (2022). Festas de aparelhagem em Belém – Pará: Lazer dos celebrantes na visão dos comandantes. *Revista do programa de pós-graduação interdisciplinar em estudos do lazer*, 25(1), 369-393, Belo Horizonte. doi: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2022.39110>.

- Bianchi, P. C & Malfitano, A. P. S. (2020). Território e comunidade na terapia ocupacional brasileira: uma revisão conceitual. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(2), 621-639. doi: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR1772>.
- Bockorni, B. R. S & Gomes, A. F. (2021). A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR*, 22(1), 105-117, Umaram. doi: <https://doi.org/10.25110/receu.v22i1.8346>.
- Brasão, H. J. P., Oliveira H. C. P., Vilela P. A. L., Cocco D. D. A., Sousa C. S. (2020). Diversidade cultural e cidadania. *Cadernos da Fucamp*, 19(41), 87-95, Minas Gerais, 2020. Recuperado de <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2225/1377>.
- Brito, M. R. & Chaves, S. N. (2017) ...Cartografia...: uma política de escrita. *Rev. Polis Psique*, 7(1), 167-180, Porto Alegre. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2238-152X2017000100010&lng=pt&nrm=i.
- Carreira de Melo, A. C., Dituri, D. R., Marcolino, T. Q (2020). A construção de sentidos sobre o que é significativo: diálogos com Wilcock e Benetton/ The meaning making of what is meaningful: dialogues with Wilcock and Benetton. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(1), 352–373. <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2473>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- Coelho, F. dos S. (2022). *O circuito bregueiro de Belém do Pará: compreendendo a dimensão ocupacional dos Bailes da Saudade* (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. doi: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15788>.
- Costa, Antonio Maurício. (2018). O Caboclo Forte Tupinambá: Aparelhagem sonora, agência e religião em Belém do Pará. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 34(99), 65-80. doi: <https://doi.org/10.1590/349903/2019>.
- Costa, H. C. P. (2017). *O Arrasta Povo do Pará: A experiência comunicativa e estética nas festas de aparelhagem Super Pop* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Pará, Belém. Recuperado de https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/11179/1/Dissertacao_ArrastaPovoPara.pdf.
- Costa, H., Castro, F. & Castro, M. (2021). Consumo e socialidade nas festas de aparelhagem de Belém, Brasil. *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*, 53(27), 131-161, Colima. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7967042.pdf>.
- Cruz, D. M. C., Taff, S., & Davis, J. (2023). Occupational engagement: some assumptions to inform occupational therapy. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 31. doi: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAR259233852>.
- Duarte, S. M. E. (2013). *O Contributo das Atividades Ocupacionais e de Lazer na Satisfação de Vida e Bem-Estar no Processo de Envelhecimento de Idosos Residentes na Área Urbana da Cidade da Covilhã* (Dissertação de Mestrado), Universidade da Beira Interior, Covilhã. Recuperado de <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/3140/1/Silvia%20Duarte%20M4414.pdf>.
- Fernandes, N. M. (2011). A cultura como direito: reflexões acerca da cidadania cultural. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 32(2), 171-182, Londrina. doi: <https://doi.org/10.5433/1679-0383.2011v32n2p171>.
- Ferronato, V. F. O. (2015). A importância da família na formação social do adolescente. *Revista de Educação*, 18(24), 3-9, Londrina. Recuperado de <https://seer.pgskroton.com/educ/article/view/3341>.

Filho, K. P. & Teti, M. M. (2013). A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbarói*, 38:45-59, Santa Cruz do Sul. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n38/n38a04.pdf>.

Freitas, R. O. (2007). A periferia da periferia: mídias alternativas e cultura de minorias em ambientes não-metropolitanos. *Cadernos de Ciências Humanas – Especiaria*, 1(17), 191-212. Recuperado de <https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/866>.

Gomes D., Teixeira L. & Ribeiro. J. (2021). Enquadramento da Prática da Terapia Ocupacional: Domínio & Processo 4a Edição. Versão Portuguesa de *Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process 4th Edition* (AOTA). Recuperado de https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7840726/mod_resource/content/3/EPTO-4.pdf.

Gonçalves, Monica Villaça. (2016). “Eu nem sabia que podia entrar aqui”: promoção de cidadania cultural como experiência de ressignificação de identidade de jovens em conflito com a lei. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, 24(1), 127-137. doi: <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoRE0664>.

Gonçalves, M. A. S. (2008). Escola, adolescência e construção da identidade. *Docplayer*, 1(1), 1-24. Recuperado de <https://docplayer.com.br/7165952-Escola-adolescencia-e-con>.

Gruman, M. (2012). Caminhos da cidadania cultural: o ensino de artes no Brasil. *Educar em Revista*, Editora UFPR, (45), 199-211, Curitiba. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602012000300014>.

Hitch, D., Pépin, G., & Stagnitti, K. (2014). In the footsteps of Wilcock, part one: the evolution of doing, being, becoming, and belonging. *Occupational Therapy in Health Care*, 28(3), 231-246. doi: <https://doi.org/10.3109/07380577.2014.898114>.

Lima, A. F. & Chagas Junior, E.M. (2019). O fenômeno das festas de aparelhagem: experiências, gregarismos e contradições. *Revista do programa de pós-graduação em comunicação, linguagens e cultura da Universidade da Amazônia*, 16(1), 52-64. doi: <http://dx.doi.org/10.17648/1415-7950-v16n1-1677>.

Lima, A. F. (2016). A “moda” das aparelhagens. *Ponto Urbe* [online], 19, 1-19. doi: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3252>.

Patrocínio, P. R. T. (2007). A voz da periferia e a função do intelectual. *Academia*. Recuperado de https://www.academia.edu/36103589/A_voz_da_periferia_e_a_fun%C3%A7%C3%A3o_do_intelectual_1.

Picanço M. N. B., Leistner M. M. (2018). Por entre os palcos da “Festa de Aparelhagem”: performances corporais, objetos tecnológicos e identidades juvenis “bregueiras”. *Cadernos de arte e antropologia*, 7(1), 65-80. doi: <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.1379>.

Reis, D. M, Prata, L. C. G & Parra, C. R. (2018). O impacto da violência intrafamiliar no desenvolvimento psíquico infantil. *Psicologia.pt*, 1(1):1-20. Recuperado de <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1253.pdf>.

Silva A.C. & Oliver F. C. (2019). Participação social em terapia ocupacional: sobre o que estamos falando?. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, 27 (4), 858-872, São Carlos. doi: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR1883>.

Silva, D. M. (2011). *Erudito som de Batidão*: Movimentos culturais de periferia e suas práticas para a reelaboração de territórios comunicacionais (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. doi: <http://hdl.handle.net/10183/37559>.

Silvestrini, M. S. (2019). *Terapia Ocupacional e Cultura: uma curadoria de tessituras entre Práticas, Políticas, Direitos e Diversidade* (Dissertação de Mestrado em Terapia Ocupacional). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. recuperado de <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11260>.

Silvestrini, M. S., Silva, C. R. & Prado, A. C. da S. A. (2022). Terapia ocupacional e cultura: dimensões ético-políticas e resistências. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(4), 929-940, São Carlos. doi: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF1727>.

Tedesco, S. (2015). A Ética da pesquisa e a perspectiva da cartografia: algumas considerações / The ethics of research and the cartographic perspective: some considerations. *Revista Polis e Psique*, 5(2), 32-47, Porto Alegre. doi: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.53952>.

Wilcock, A. (1999). Reflections on doing, being and becoming. *Canadian Journal of Occupational Therapy*, 65(5), 248-256. doi: <https://doi.org/10.1177/000841749806500501>.